

«O SANTO DE TODO O MUNDO» É PORTUGUÊS

MARIA LÍLIA SOLIPA PEREIRA

Façamos o elogio dos homens ilustres, dos nossos antepassados, através das gerações. O Senhor realizou neles a sua glória e a sua grandeza desde sempre.

Do livro de Ben-Sira 44, 1-216: 45,6

São Luís do Maranhão 1653, Domingo - Corpus Christi - do púlpito a figura de insigne Orador num elogioso sermão, homenageia um seu homónimo e um seu conterrâneo, quase 5 séculos volvidos ... Une estas duas grandiloquentes personagens o magnífico dom da Palavra que empolga e altera vivências cristãs pessoais, comunitárias e locais, redimensionando-as para a mundividência do Universo Cristão. São elas: António de Lisboa e António Vieira.

Paradigmáticos de uma actividade pastoral em meios e momentos difíceis, são a voz que ainda hoje ecoa com a qualidade persuasiva, com a imagética plena de uma plástica ilustrativa, valorizando o objectivo didáctico na sua finalidade formadora, ambos inseridos na problemática dos seus tempos.

Contudo, a referência que solicitamos do P.^o António Vieira tem em linha de conta reforçar o panegírico que esboçamos ao nosso Santo de Lisboa, Patrono desta nossa Universidade, cuja imagem (venerada na Capela do edifício - Fig. 1), se apresenta de antebraços decepados, quiçá numa eloquentíssima mensagem (testemunha do seu pensamento eivado da espiritualidade franciscana que interliga as vidas contemplativa e activa), para que sejamos nós os seus braços: *A mão, portanto, representa o trabalho, que devemos estender à utilidade do próximo e dividir em muitas partes, conforme as necessidades. Usa de uma só parte quando apenas se dedica a Deus; duas, quando ministra ao próximo alimento de alma e corpo.*

Assim, ao tentarmos estudar o seu pensamento sobre a identidade do ser humano na sua circunstância vivencial,



FIGURA 1 – Santo António de Lisboa - Imagem da Capela do Palácio Ceia (Universidade Aberta).

nos domínios físico e espiritual, verifica-se que, influenciado pela Patrística Grega, reabilita a consideração do homem como um microcosmo, logo assumindo uma realidade corpórea e anímica da natureza humana à natureza da criação ... num movimento solidário e concomitante, eis um dos traços mais vincados da espiritualidade antoniana». Parfraseando o Santo, «... é normal que todos os homens, mas sobretudo os filhos deste século, desejem a tranquilidade da paz, a saúde do corpo, a clemência do clima e outras coisas que respeitam ao uso e necessidade desta vida».

A facilidade de leitura que advém dos escritos Antonianos é obtida pela pureza do texto sempre ligado à sensibilidade do seu tempo, chegando à intemporalidade pelo seu eco actual, à especificação de regras de exigência e ao uso de alegorias.

São os seus Sermões, repositório sapiencial do profundo conhecimento cultural que o caracteriza, conhecimento esse desconhecido ainda hoje, volvidos 800 anos após o seu nascimento neste Luso Rincão da Europa, pela maioria dos seus contemporâneos e, o pior de tudo, dos que o veneram e constantemente o aclamam, com um -valha-me Santo António- ou com infundáveis promessas ensurdecendo o seu Santo casamenteiro, Restituídor de coisas perdidas, em suma, Milagreiro...

De novo as palavras do P.^o António Vieira. «Muitos cuidão que fe aproveitão das maravilhas de S. Antonio, empregando a valia defte Santo para o remedio das coufas temporaes, & ifto he defperdiçallas, se vos adoeece o filho, Santo Antonio; fe vos foge o efcravo, Santo Antonio; fe mandais a encomenda, Santo Antonio; fe efferais o retorno, Santo Antonio; fe requereis o depfacho, Santo Antonio; fe aguardais a fentença, Santo Antonio; fe perdeis a menor miudeza de voffa cafa, Santo Antonio; & tal vez fe quereis os bens da alhea, Santo Antonio.»

Invocar este Santo tornou-se, assim, quase prática inconsciente e de um devocionário bem português, cultuado (até nas credices e superstições) do Continente às Ilhas, destas a todo o território para onde a língua portuguesa foi levada, confirmado pelas numerosas Confrarias e Sociedades. «Embora o culto antoniano ganhe particular força no Continente, cedo chegou às restantes parcelas do mundo português levado pelas missões religiosas incumbidas de dilatar a *Fé e o Império*».

Não foi por acaso que o magnífico P.^o António Vieira, no Brasil, particularmente em S. Luis de Maranhão, numa cerimónia importantíssima para a Catholicidade (Festa do Corpo de Deus), num sermão dedicado à Adoração do Corpus Christi no Santíssimo Sacramento, ousa cotejar a figura do Santo com a presença de Cristo na Hóstia Consagrada, menção honorífica de um português que adorando Cristo, o Santo dos Santos, venera o Santo Português com tamanha reverência: «O outro Sacramento diffe, & melhor differa o mefmo Sacramento, porque comparadas as maravilhas, que fe crem daquella Hoftia confagrada, com as maravilhas que fe lem, & fe vem em S. Antonio, fó há de differença entre huas, & outras, que na Hoftia eftá o Sacramento com as cortinas cerradas, em S. Antonio eftá o Sacramento com as cortinas corridas. Na Hoftia eftão as maravilhas do Sacramento fecretas; em S. Antonio eftão publicas. Na Hoftia eftão efcondidas, em S. Antonio manifeftas. Na Hoftia eftão encubertas, em S. Antonio patentes. Na Hoftia eftão crem-fe, & nao fe vem, em S. Antonio crem-fe, & vem-fe. Finalmete na Hoftia eftá o Sacramento com cortinas, em S. Antonio fem cortina. O Mannã, figura mayor do Sacramento, fora da Arca do Teftamento eftava cuberto com a cortina

do Sancta Sanctorum, que cubria todo o Propiciatorio; mas dentro da Arca do Teftamento não tinha cortina alguma. E quem he a Arca do Teftamento? Já o Papa Gregorio IX, diffe que era S. Antonio. Só em S. Antonio eftá o Sacramento fem cortina, fô em S. Antonio eftao patentes, & defcubertas maravilhas daquelle facrofanto myfterio. Em qual daquelles altares cuidais que eftá o Sacramento propriamente expofto? Não eftá expofto naquelle Altar Mayor, fenao nefte. Expofto, quer dizer manifesto, & declarado. E o Santiffimo Sacramento naquella Cuftodia eftá defencerrado fim, mas expofto não; porque não eftá manifesto, nem declarado. Só onde eftá S. Antonio, eftá o Santiffimo Sacramento propriamente expofto; porque elle he a expofição, & declaração das maravilhas do Santiffimo Sacramento.»

Se como alguém disse: uma alma que se eleva, eleva o mundo, teremos nós consciência da elevação e projecção da alma portuguesa a que este nosso Santo «Fradinho Menor» leva por toda a Orbe?!

E sobre a humildade e singeleza de António, ouçamos ainda o P.^o António Vieira: «Veyo S. Antonio ao Capitulo Geral, que celebrava em Affis o Padre S. Francifco, & acabado o Capitulo, repartiraõ-fe os Prelados por todas as Provincias da Chriftandade, pedindo cada hum os Religiofos, que lhes parecia os podiaõ ajudar. No cabo ficou fô o Santo engeitado, & defeftimado de todos, porque ninguem o quis levar comfigo. Vede que he o mundo, ainda onde não há, nem devia haver mundo, que he a Religiao! Mas ifto nao he maravilha nos homens; em S. Antonio o foi, & a mayor de todas. Se em S. Antonio fe conheceraõ fuas virtudes, he certo que todos o haviaõ de querer levar por Santo: fe em S. Antonio fe conheceraõ as fuas letras, he certo que todos o haviaõ de querer levar por letrado. Mas eftavaõ eftas maravilhas todas tam fumidas, & efcondidas em S. Antonio, que fendo tam letrado, parecia idiota; fendo tam grande Santo, nao parecia tam virtuofos. O que mais me admira nefte cafo he, que nem S. Francifco conheceffe o que nelle havia. Que outros Religiofos o não conheceffem, ainda que muitos eraõ Santos, paffe, mas S. Francifco, aquelle Serafim, que não penetraffe o que eftava efcondido em S. Antonio!-»

Relata a legenda Raimondina esta passagem do Capitulo Provincial das Esteiras, rampa de lançamento que foi, da grande figura: «António revela ser não apenas um frade Santo hábil na lavagem das panelas da cozinha, mas um sacerdote de privilegiada memória, de cultura vastíssima e consumado na arte oratória, acaso já exercitada em Coimbra e arredores». Revelará assim: «o poder da memória que não tinha necessidade de livros e aquela pregação improvisada, mostrava que o dedo de Deus tinha gravado nas tabuas do coração de António a plenitude da ciência».

Foram, de facto, a cidade italiana de Forli, o seu percurso pelo sul da França, centro e sul de Itália e, sobretudo, a zona Paduana (por ele eleita), e aqui ousamos

dizer que o pulsar do coração do nosso Santo também era saudoso desta Pátria longínqua, pois testemunhamos, num «peregrinar» entre Pádua, Arcella e Campo San Piero, casualmente, a similitude de algumas palavras do dialecto regional com o português.

Creemos que resumem esta actividade itinerante do Santo, quer o que se pode ler na carta pontificia Apostólica Antoniana Solemnia de Pio IX, (1 de Março de 1931): «o taumaturgo de Pádua levou à sociedade do seu proceloso tempo contaminada por maus costumes, os esplendores da sua sabedoria cristã e o suave perfume das suas virtudes...», quer ainda nas suas próprias palavras do Sermão de Domingo de Ramos, palavras como que proféticas das do P.^o António Vieira, quando o assemelha a Cristo :

«Portanto, Ele é pobre ... O Nosso Deus, o Filho de Deus ... salvou-nos. E como um estranho, um estrangeiro e peregrino, cultivou a nossa terra e regou-a com a água da sua pregação. Ele foi como um viandante ligeiro, imune de pecado, estendendo as suas viagens, porque deu saltos como gigante para correr o caminho».

«Ainda a palavra me não chegou a língua
e já, Senhor, a conheceis perfeitamente.
Por todos os lados me envolveis
e sobre mim pondeis a Vossa mão.
Prodigiosa ciência que não posso compreender.
Tão sublime que a não posso alcançar!»
Salmo 138, 1-8. 23-24

A 16 de Janeiro de 1946, o Papa Pio XII, na bula «Exulta Lusitânia Felix», declara S. António Doutor Evangélico, o 29.^o Santo da Igreja a ser assim proclamado. Consta que só em 1298 o Papa Bonifácio VIII confirma o título de doutor da Igreja a quatro notáveis da teologia ocidental: S. Ambrósio, S. Jerónimo, S. Agostinho e S. Gregório Magno. Em 1486, o Papa Sisto V, na bula apostólica de 14 de Janeiro, proclama que «O bem aventurado António de Lisboa foi homem de eximia santidade ..., e cheio também de Sabedoria Divina» (Fig. 2). Em 1758, o Papa Bento XIV considerava ser necessário «santidade insigne, doutrina eminente e declaração do sumo pontífice ou de legítimo concílio ecuménico para alguém ser elevado ao grau de Doutor da Igreja». Mas só em 1856, na sessão XXVIII de 12 de Maio, no Capitulo Geral dos frades menores realizado em Roma, se exprimiu o voto do reconhecimento formal pela Igreja de S. António como seu Doutor. Em 1933, a Postulação Geral dos frades menores, alertou a Hierarquia Eclesiástica com o «Sumário das razões pelas quais



FIGURA 2 – Gravura que mais se aproxima à referência da Bula Apostólica de 1486 retirada de *The Illustrated Bartsch*, Abaris Books, 1992, USA – Artista anónimo do século XV (?).

S. António de Pádua é julgado digno de receber o título e as honras de Doutor da Igreja». Interessante é constatar-mos que só a 15 de Fevereiro de 1936, a Sagrada Congregação dos Ritos informa que S. António de Lisboa «tinha direito ao título, porque nele já existia implícita e equipolentemente pelas seguintes razões, declaradas *Urbes et Orbis*:

- 1/ Santidade insigne de vida do proposto.
- 2/ Eminente doutrina nos gestos (pregação) e nos escritos de António.
- 3/ Influência da sua doutrina e uso largamente divulgado.
- 4/ Documentos pontifícios exaltando a doutrina antoniana.
- 5/ Culto Litúrgico tributado na Igreja universal a S. António como Doutor desde a sua canonização até 1570.
- 6/ O mesmo culto litúrgico ininterrupto na Ordem Franciscana até ao presente.
- 7/ Culto litúrgico dos Doutores tributado constantemente em todas as dioceses de Portugal, do Brasil e de Pádua.
- 8/ Elogio da doutrina nas lições do Breviário romano depois de restituído o ofício por Sisto V.
- 9/ Insignias dos Doutores na sagrada iconografia antoniana.
- 10/ Apreço da mesma doutrina da parte dos escritores coevos e posteriores.
- 11/ Pedido e desejo de toda a parte para S. António ser declarado Doutor da Igreja.»

Confirmava-se, assim, o título que lhe pertencia desde o dia da canonização (30 de Maio 1232), quando o Papa Gregório IX, que o conheceu pessoalmente, entoava na antifona dos Doutores: «O Doctor Optime!».

Feliz Lusitânia, «Felix Pádua Gaude», continuaria o Papa Pio XII, em 1946, repetido o Papa Joao Paulo II, em 1995, na Basilica de Pádua, no 8º centenário do seu nascimento, e o Cardeal Angelo Sodano, completaria em homilia comemorativa: «Si, rallegrati o Città di Padova per il dono che il Signore ti há fatto, chiamando fra le tue mura questo grande figlio della terra lusitana ...»

Será que esta Feliz Lusitânia exultou e exulta de facto como deveria?! Uma vez mais a voz de António Vieira, ontem como hoje, revela um estado de espirito nacional «... affim a noffa terra fe pôde chamar Lufitania, porque a ninguém deixa luzir... Affim que todas effas feftas publicas, todos effes panegyricos, & Portugal o feu Portuguez tão longe estão de provar, que no tempo, em que vivia Santo António, houveffem de fazer o mefmo, que antes faõ teftemunhos publicos, & autenticos do contrário e que effas mefmas maravilhas, que hoje tanto celebra & fefteja a fua Pátria, fe elle as obràre m na mefma Pátria, hoje faz quatrocentos annos, quando vivo, nem entaõ haviaõ de fer maravilhas, nem haviaõ de luzir como taes, nem haviam de fer viftas, quanto mais celebradas; porque os olhos da enveja são como os de Heli, que em quanto fe não apagaõ as alamppadas, não vem as luzes: *Nec poterat videre lucernam Dei, antequam extingueretur.*»

Interessante e podermos -ouvir- os considerandos de Sto. Antônio no Sermão do 2º Domingo da Páscoa sobre a figura de Heli: *-Por isso conta-se no primeiro livro dos Reis: Heli estava deitado no seu aposento, e os seus olhos tinham-se escurecido, e não podia ver a lâmpada de Deus antes de apagada. Heli interpreta-se estranho e significa o prelado conduzido pela recompensa, estranho ao reino de Deus. Está deitado no seu aposento, ou seja, dissoluto no atoleiro da carne; os seus olhos, isto é a luz da razão e da inteligência estão entenebrecidos pela caligem, ou seja, pelo amor dos bens terrenos; e desta forma não pode ver a lâmpada, a graça de Deus, antes de ser extinta, isto é, não pensa ou não se conhece privado da luz da graça, a não ser quando nele a luz da mesma graça estiver extinta.-*

Doutor Evangélico porque confirmava as suas palavras com passos e sentenças do Evangelho, exemplificativas da sua vivência e do seu munus sacerdotal.

Primeiro professor da Ordem Franciscana, a quem Francisco de Assis reconhece: *«A Frei Antônio, meu Bispo, Frei Francisco envia saudações. Apraz-me que ensines Teologia aos frades, contanto que por tal estudo não extingas o espírito de oração e devoção, como está contido na Regra». Começa assim em Bolonha a primeira Escola de Teologia inaugurada pelo Santo em 1223: «...dire Bologna, significa, per la storia antoniana, la lettera patente inviata da Francesco a Antonio... Fu una svolta nell'ordine... Una predicazione finalizzata alla metanoia; predicazione che scaturisce dall'esperienza spirituale della tradizione della *lectio divina*».*

Exemplificando ainda do seu pensamento formador, lê-se no exórdio do Sermão da Sexagesima:

-No princípio criou Deus o céu e a terra.

A Ezequiel ou seja ao pregador, fala o Espírito Santo: E tu filho do homem, pega num tijolo e desenha nele a cidade de Jerusalém.

O tijolo pelas quatro propriedades que possui, significa o coração do pecador: Forma-se entre duas tabuas, e levado a uma extensão determinada, consolida-se pelo fogo, torna-se vermelho. Também o coração do pecador deve formar-se entre as duas tabuas de ambos os Testamentos ... (Fig. 3). O tijolo é levado a uma extensão determinada, já que o a ampliação da caridade alarga o coração estreito do pecador... e a caridade é mais larga do que o oceano. O tijolo consolida-se pelo fogo, uma vez que o espírito cheio de humores é dissolúvel, através do fogo da tribulação se consolida. ... o que a fornalha faz ao ouro, a lima ao ferro, o mangel ao grão, isto faz a tribulação ao justo...

No tijolo, portanto, notam-se quatro coisas: A ciência de cada um dos Testamentos, para instrução do próximo; a abundância da caridade para o amar; a paciência da tribulação, para suportar o opróbrio por amor de Cristo; a audácia do zelo, para dar cabo de todo e qualquer mal...-



Sanctus Antonius Patavinus Confessor, Humilis, Hereticorumque Insecutor.
Domino Horatio Mughionio Burgensi. Raphael Scliaminossius Inuē. Dedicavit.

FIGURA 3 - The Illustrated Bartsch, Abaris Books, 1983, USA - Raffaello Schiaminossi (Seculo XVI).

Sermões ilustrados por sábios processos interpretativos, misturando o método dos sentidos bíblicos e o método da concordância, reunidos em apontamentos *«os pedidos e o amor dos confrades me impeliram a escrever esta obra»*, que compendia num esquema litúrgico do ano, subordinado à Sagrada Escritura, a *«Quadriga»* o *«Opus»* a sua Obra dos Evangelhos, exemplificativa da vivência e do múnus sacerdotal deste *«Homem Evangélico»* no dizer do Papa João Paulo II.

São os seus sermões veementes e lúcidos na arte de usar a palavra, espelho de uma formação sólida, testemunhada por grandes estudiosos europeus como Cantini, Scaramuzzi e Balduino de Amsterdão entre outros; e bem explícita nas importantes investigações de H.P. Rema e de F. Gama Caeiro retomando os inventários das bibliotecas de São Vicente de Fora e de Santa Cruz. Referências marcantes na formação Agostiniana e Cruzia do nosso Doutor Evangélico que na sua praxis Franciscana, aplica na perfeição o Apóstolo São Paulo, por ele citado diversas vezes *«Fiz-me tudo para todos, para salvar a alguns a todo o custo. E tudo faço pelo Evangelho»* (1.º Cor. IX, 22).

Aliando à profunda tradição livresca que o caracterizava a cognoscência dos livros sagrados e a gnoseologia da sociedade do seu tempo, este *«Medievo por excelência»* enriquecia também a sua já brilhante prédica, com o saber enciclopédico do conhecimento científico da época, numa visão caleidoscópica, que abarcava bestiários, lapidários, medicina, anatomia patologia, farmacopeia e até cirurgia.

«Estas substâncias, segundo comenta a Glossa, são pigmentos apreciados pelos médicos e significam aqueles géneros de virtude que os verdadeiros médicos, os médicos espirituais, empregam para a cura dos homens. A mirra designa a penitência, que não pode ser verdadeira, se não lhe misturam estas quatro substâncias, a saber, o estoraque, o gálbano, o ônix e a gota. O estoraque é a goma de árvore, de aroma agradabilíssimo, cujo líquido se assemelha ao mel; o galbano é uma substância que afugenta as serpentes com o seu odor; o ônix, vocabulo grego, em latim unguia, e que no Êxodo se lhe chama ônica, tem essa designação por se assemelhar à unha humana; a gota é uma substância que cura algumas durezas e abranda os tumores.»

Sapiência douta, ecológicamente caldeada pelos encantos da Natureza, que como vero Franciscano aprecia e louva até à ínfima criatura de Deus, como reflexo do Seu Criador: *«De facto, os santos devem proceder como as abelhas. Estas segundo consta poem-se a olhar por sobre os orifícios dos alvéolos, e se por ventura entrar algo estranho por aqueles orifícios, não consentem tê-lo no seu meio, mas perseguem-no até o porem fora dos alvéolos.»* E ainda *«E nota que estas águas se chamam cristalinas, pois o cristal atingido ou ferido pelos raios do Sol transmite centelhas ardentes. Assim o varão fiel iluminado pelos raios do Sol, deve emitir centelhas de recta pregação e de boas obras que inflamem o próximo.»*

Assim foi António. O Santo. Varão Fiel, Cristal de Deus, pela transparência cristalina da sua personalidade austera e volátil na diafaneidade de transluzir Deus. «Vejo o meu Senhor» foram as suas últimas palavras em Arcella, partia assim quem ficaria para sempre indiciado como o Cidadão Português, Italiano (Fig. 4), logo e muito actualmente Europeu, Africano no seu sonho Missionário e Universal na sua realização e empenhamento de Cristão Franciscano.



FIGURA 4 - *The Illustrated Bartsch*, supl. 164, Abaris Books - Artista anónimo de Ravenna do século XVI. Compare-se a face do santo nesta gravura com a fotografia da figura 5.

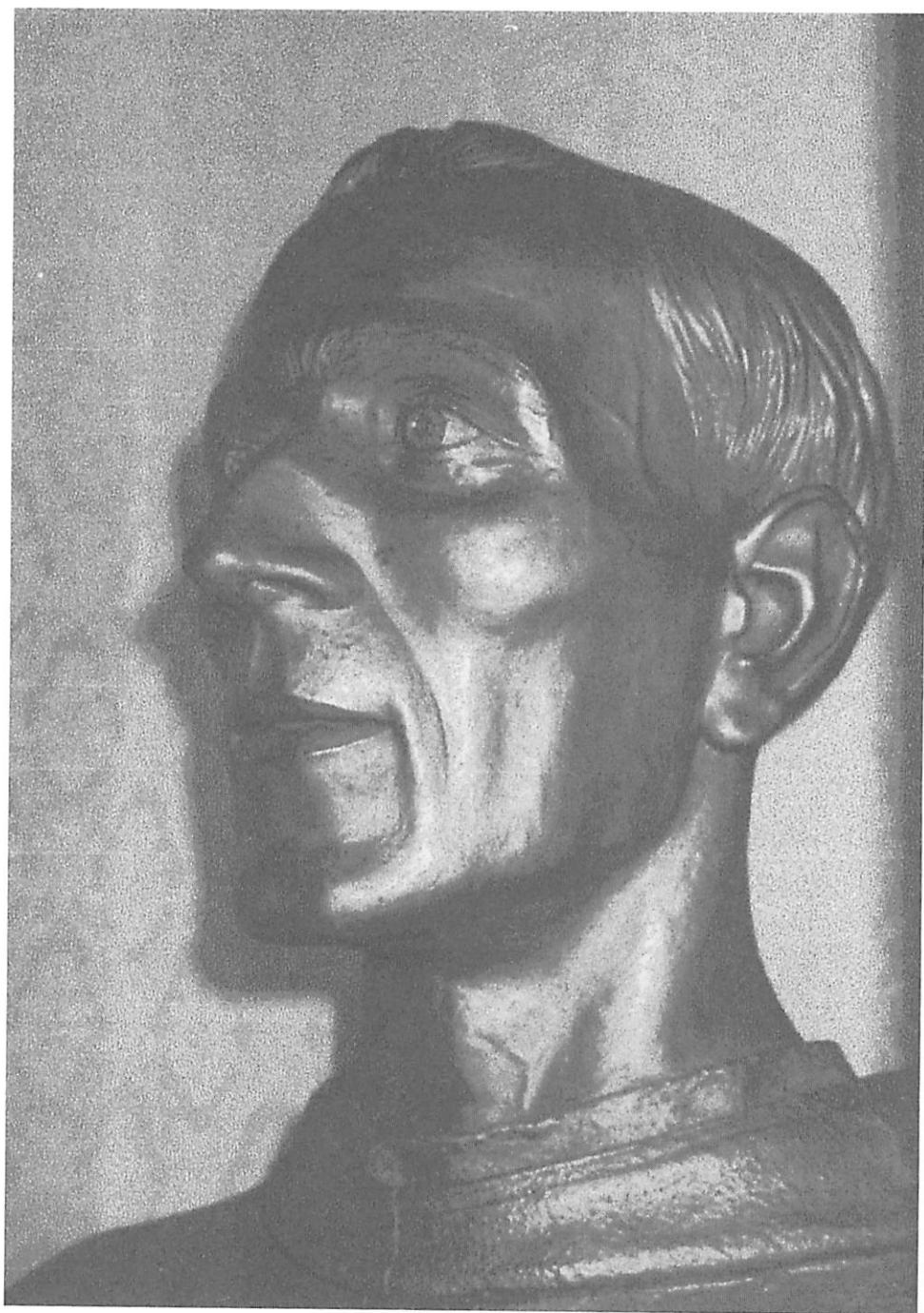


FIGURA 5 – Fotografia do Busto de Santo António inspirado no seu crânio

Referências
bibliográficas

A palavra dos Sermões de Santo António está sempre expressa em itálico e para a consulta dos mesmos leia-se *Fontes Franciscanas III, Santo António de Lisboa - I vol., Sermões Dominicais, Septuagesima - Pentecostes*, Editorial Franciscana, Braga, 1998.

Sermoens do P. António Vieira, Tomo XII, Oficina Miguel Deslandes, Lisboa, 1699.

BERTAZZO, Luciano, 4a Testimonianza di sant'Antonio e il nostro tempo - in *Actas do Congresso Internacional Pensamento e Testemunho - 8º centenario do nascimento de Santo António*, Vol. I, Universidade Católica Portuguesa/ Família Franciscana Portuguesa, Braga, 1996, pp. 207-226.

_____, *L'Ottavo Centenario della Nascita di S. Antonio di Padova (1195-1995)*, Centro Studi Antoniani, Padova, 1996.

CAEIRO, Francisco da Gama, *Santo António de Lisboa*, vols. I e II

CALAFATE, Pedro, Filosofia e espiritualidade em Santo António de Lisboa - in *Actas do Congresso Internacional Pensamento e Testemunho - 8º centenario do nascimento de Santo António*, Vol. I, Universidade Católica Portuguesa/ Família Franciscana Portuguesa, Braga, 1996, pp. 687-693.

TRUJVA, F. Sainz, in *Islenha*, Funchal, n.º 17, Julho - Dezembro, 1995.